



Coordenação
José Luís Gonçalves
Madalena Alarcão

Desafios da Educação **em tempos de (pós) pandemia**

O Contributo Ubuntu

Uma iniciativa

ACADEMIA DE LÍDERES
UBUNTU
LEADERS ACADEMY

Desafios da Educação

Em tempos de (pós)pandemia

O contributo Ubuntu

Coordenação
José Luís Gonçalves
Madalena Alarcão

Uma iniciativa
ACADEMIA DE LÍDERES
UBUNTU
LEADERS ACADEMY

Ficha Técnica

Título

Desafios da Educação em tempos de (pós)pandemia: o contributo Ubuntu

Promotor

Instituto Padre António Vieira

Editores

José Luís Gonçalves e Madalena Alarcão

Contributos

Agripina Carriço Vieira, Ana Anica, Ana Barraca, Ana Forte, Ana Pina, Ana Ramos, Andreia Alves , Andreia Sampaio, Carla Campos, Clara Oliveira, Dayse Rodrigues, Dina Neves, Eduardo Teixeira , Elsa Montenegro Marques , Francisca Assis Teixeira, Gonçalo Fontes, Guida Roque, Hélder Ferraz, Helena Domingues, Inês Andrade, Inês Leão, Isabel Silva, Janina Morgantini, Joana Alexandre, Joana Brito, Joana Félix, Joana Lemos, Joana Lobo Fernandes, João Pedro Gaspar, Jorge Pereira, José Coelho, José Luís Gonçalves, José Manuel Seruya, José Ricardo Vidal, Júlio Pascoal, Júlio Santos , Kattia Hernandez, Lilliana Sevilha, Lina Santos, Luís Novais, Lurdes Cruz, Madalena Alarcão, Margarida Rodrigues, Maria Celeste Sousa, Maria Isabel Pereira, Maria José Chambel, Maria Leonor Paulino, Maria Rosário Pinheiro , Mariana Barbosa, Miguela Fernandes, Nazira Bano, Nuno Alves, Patrícia Anzini, Patrícia Magalhães, Patrícia Pontes, Paula Barros, Paula Castelo Branco, Raquel Dias, Regina Alves, Rita Paulo, Rodrigo Teixeira, Rosário Ochoa, Rui Marques, Sabrina Severo da Silva, Sofia Sateila, Sónia Costa, Susana Caires, Susana Fonseca, Tânia Martins, Tânia Neves, Teresa Marinho, Teresa Rocha, Vera Lomba

Coordenação da edição e Revisão Tânia Neves

Design Gráfico Miguel Rocha

Impressão Impress - Impressal Center Unipessoal, Lda.

ISBN 978-989-54873-3-2

Depósito Legal XXXXXXXXX

Índice

Índice de quadros, imagens e figuras	4
Nota de abertura	5
Introdução	17
I. Ética do Cuidado e Educação	27
1. Ética do Cuidado para o (pós)pandemia	29
2. Ética do Cuidado - Diálogo na Diversidade	71
3. Olhar(es) sobre a escola - nas margens da ética do cuidado	81
II. Resiliência e Educação	97
1. Desafios de Educação - Aprender com o Erro	103
2. Estudantes, escola e (pós)pandemia	113
3. Resiliência entre Docentes e Não Docentes	125
4. Para uma escola mais resiliente: da estratégia às práticas	131
5. Educação e Comunidades Resilientes	141
III. Empatia e Educação	159
1. Empatia e Educação: por uma revolução de Empatia	163
2. Empatia vs e-Empatia	169
3. Estudantes e Empatia	179
4. Educadores e Empatia	185
5. Para uma comunidade mais empática	197
IV. Construção de Pontes e a Educação	211
1. O Diálogo e a Participação: As Vacinas para os Conflitos	223
2. Justiça Restaurativa na Educação: criando relações de parceria	231
3. Educar para a interdependência	239

Construção de Pontes e a Educação

Tânia Neves¹⁴², Elsa Montenegro Marques¹⁴³, Patrícia Anzini¹⁴⁴ e Ana Forte¹⁴⁵

Uma introdução

A Construção de Pontes é um dos três eixos do método Ubuntu, a par da Ética do Cuidado e da Liderança Servidora.

No âmbito da Academia de Líderes Ubuntu, este eixo é especialmente relevante uma vez que nos convida a pensar sobre o mundo em que vivemos, em tantas esferas fragmentado e polarizado, bem como a pensar em nós, enquanto construtores de pontes.

O contexto de pandemia mundial que nos atingiu, de forma inesperada, trouxe desafios adicionais à nossa capacidade de relacionamento e ainda à forma como estabelecemos e mantemos a ligação com os outros (e com o mundo). A globalização e o seu impacto económico, geopolítico, ambiental e social, bem como o fluxo de informação, comunicação e tecnologias, aliados a um fenómeno pouco frequente na história recente, sublinharam a complexidade de um mundo interdependente, tantas vezes com desenvolvimentos unilaterais. Acentuou-se o poder desigual no acesso às vacinas e aos cuidados de saúde, além do que já assistíamos com o aumento do consumo, a dominância do mercado e o decréscimo do apoio social assumido pelo Estado. Também foram reestruturadas dinâmicas laborais e familiares, bem como intensificados novos recursos e meios de apoio ao ensino, não acessível a todos, em resultado do encerramento das escolas em todo o mundo.

Alguns estudos preliminares (OEI, 2020) e agências internacionais como a OCDE, UNESCO e World Bank começam já a apontar fortes e negativos efei-

142 Instituto Padre António Vieira.

143 Instituto Superior de Serviço Social do Porto.

144 Universidade Católica Portuguesa (Lisboa).

145 Membro do Conselho Científico da Academia de Líderes Ubuntu.

tos da Covid-19 na educação, sobretudo a partir do encerramento dos estabelecimentos escolares e com repercussões nas aprendizagens dos alunos e na taxa de abandono escolar, bem como nos salários dos futuros profissionais e atuais estudantes. De forma genérica, a falta de interação entre professor-aluno e aluno-aluno tornou ainda mais evidente a fragilidade das “condições humanas”, como reflete Hannah Arendt (1976), na medida em que alertou a sociedade mundial para a necessidade de desenvolver a capacidade de nos reconhecermos interdependentes e parte de um mesmo todo.

Tornou-se, por isso, ainda mais urgente a criação, promoção e valorização de uma cultura de pontes (não só físicas, obviamente, mas também territoriais, culturais, civilizacionais, geracionais e pessoais) que ajude na construção e preservação de um mundo mais digno e humano, mais coeso e solidário. O Centro Norte-Sul do Conselho da Europa, como organismo europeu que tem nos últimos anos norteado diversas sugestões e posicionamentos políticos no que à educação diz respeito, através do GEGWG (*Global Education Guidelines Working Group*), crê que a necessidade de uma educação global, que procure educar os cidadãos para a justiça social e o desenvolvimento sustentável, é, acima de tudo, um desafio ético do mundo atual (2010). A partir deste conceito aberto, em permanente evolução e multidimensional, é entendido que

“A educação global é uma perspectiva educativa que decorre da constatação de que os povos contemporâneos vivem e interagem num mundo cada vez mais globalizado. Este facto faz com que seja crucial dar aos aprendentes oportunidades e competências para refletirem e partilharem os seus próprios pontos de vista e papéis numa sociedade global e interligada, bem como compreenderem e discutirem as relações complexas entre questões sociais, ecológicas, políticas e económicas que a todos dizem respeito, permitindo-lhes descobrir novas formas de pensar e de agir. Contudo, a educação global não deverá ser apresentada como uma perspectiva a aceitar universalmente de forma acrítica, pois são bem conhecidos os dilemas, tensões, dúvidas e diferenças de perceção presentes em qualquer processo de educação sempre que se lida com questões globais” (GEGWG, 2010, p. 10).

Ora, na educação global¹⁴⁶ pode ser integrada, portanto, uma visão de educação para a construção de pontes, pela sua abrangência teórica e empírica, a partir da noção de outras «educações para...» (onde estão também a Educação para a Paz, Educação para os Direitos Humanos, Educação Ambiental e Educação para o Desenvolvimento Sustentável, Educação Intercultural, Educação para a Igualdade de Género, Educação Global, Educação para a Cidadania Global e Educação para ‘Aprender a viver juntos’).

No âmbito de uma abordagem inspirada pelo fundamento da Construção de Pontes, desde o olhar Ubuntu, e na sua ligação direta ao contexto educativo, a partir dos desafios colocados neste tempo de (pós)pandemia, esta educação para a construção de pontes parte de uma primeira premissa de base educativa e reveste-se de um processo de aprendizagem que procura a transformação social. De forma semelhante à educação global, que implica um “processo de crescimento individual e coletivo gerador de transformação e autotransformação” (GEGWG, 2010, p. 10), na reflexão aqui apresentada entende-se que a educação para a construção de pontes pode igualmente inspirar-se numa premissa de aprendizagem transformativa que se baseia i) na consciencialização e compreensão das causas dos problemas de desenvolvimento e das desigualdades locais e globais num contexto de interdependência como este agora vivido, ii) na reflexão sobre as soluções sobre o conflito e/ou desafio vivido e iii) finalmente de um compromisso para uma ação transformadora que procure a paz, a justiça e a equidade (Kumar, 2008, cit. por ENED - Despacho n.º 25931/2009: 48396¹⁴⁷).

Assim, a educação global assume-se como processo dinâmico, interativo e participativo que visa a formação integral das pessoas e é ainda entendido como um

“(...) Processo educacional transformador, comprometido com a defesa e promoção dos direitos humanos de todas as pessoas, procurando caminhos de ação ao nível individual, local e global para o desenvolvimento humano. Tem como objetivo promover a autonomia da pessoa, através de um processo de ensino-aprendizagem baseado no diálogo, que constrói

146 Do ponto de vista concetual, são usados de forma equiparada, na literatura nacional, os conceitos de Educação para o Desenvolvimento, Educação Global e Educação para a Cidadania Global. Entendidos de forma igual nesta reflexão, optar-se-á pelo uso do conceito de Educação Global, uma vez que é adotado como referência o ‘Guia Prático para a Educação Global: Um manual para compreender e implementar a educação global’, do Centro Norte-Sul do Conselho da Europa (2010).

147 Despacho n.º 25931/2009. Ministérios dos Negócios Estrangeiros e da Educação. Estratégia Nacional de Educação para o Desenvolvimento, pp. 48391- 48402.

conhecimentos, competências e valores, e que promove o sentimento de pertença a uma comunidade mundial de iguais” (Boni, 2006, p. 47).

Neste sentido, crê-se, igualmente, que a educação para a construção de pontes, a partir do conceito mais agregador da educação global, permite o desenvolvimento de conhecimento, competências, valores e atitudes necessários para a convivência pacífica e saudável e ainda para um mundo mais justo e sustentável.

De acordo com o GEGWG (2010), a educação global não introduz conteúdos novos, mas antes enriquece e consolida dimensões temáticas e áreas multidisciplinares. Releva conceitos universais para compreender a Humanidade na sua diversidade, ao mesmo tempo que traduz conceitos universalizáveis que pertencem ao património da Humanidade na riqueza da sua diversidade. Nesta perspectiva, a construção de pontes, nesta ótica educativa, e a partir do conceito Ubuntu, pode traduzir-se na ideia de que:

“Como paradigma, o Ubuntu ajuda a lidar com a natureza do ser (ou seja, ontologia), independentemente de este conhecimento ser intrínseco ou extrínseco, e fornece uma estrutura para distinguir crença de opinião (ou seja, epistemologia). Também envolve a análise teórica e sistemática de um conjunto de procedimentos através dos quais um sistema de crenças particular é praticado (ou seja, metodologia). (...). Portanto, imaginar uma educação humanista global significa utilizar uma estrutura que pode ser mais local e ao mesmo tempo aberta ao global (...)” (Oviawe, 2012, p. 3).

No domínio das competências, e na conjugação da educação global e desta abordagem educativa que assenta na construção de pontes, privilegia-se o pensamento crítico e a abordagem multidisciplinar, o trabalho de equipa e a cooperação, a empatia, a tomada de decisão, a gestão da complexidade, o diálogo e a gestão de conflitos e a transformação. Neste sentido específico, a reflexão é remetida para a identidade individual de cada pessoa como construtora de pontes. Na ótica de Marques, para desenvolver a capacidade de construir pontes, cada pessoa deve, primeiramente, “reconhecer a existência de margens - ou obstáculos - e ser capaz de ter a determinação de as unir ou de os ultrapassar” (2019, p. 92), de forma a que se possa dar início a este processo, tantas vezes marcado por conflito, ressentimento e dor. Esta pessoa deve, pois, ter um olhar atento e compreensivo perante uma situação de conflito, obstáculo ou adversidade para, depois, de uma

forma construtiva e sistemática, investir no conhecimento das margens separadas. Esta competência de diálogo, que tem na sua base a escuta ativa, o respeito pelos outros e a assertividade construtiva, exige, precisamente, que cada pessoa desenvolva habilidades de mediação, de diálogo, de consenso e de gestão de conflitos. Ainda nesta ótica, consideram-se relevantes os conceitos de compaixão, reconciliação e justiça restaurativa, enquanto práticas e ferramentas. São princípios estruturantes desta dimensão que:

“na cultura Ubuntu, (...) cada um/a desenvolva esse portfólio de saberes que lhe permita ser verdadeiramente útil na sua ação. Entre estas competências, destaca-se a capacidade de compreender a natureza humana, em participar na sua expressão entre margens divididas. A capacidade de entender os mecanismos do preconceito, do estereótipo, do ressentimento, da desconfiança e mesmo do ódio, é essencial para o sucesso do pontífice. Este terá sempre que ser um especialista em humanidade” (Marques, 2019, p. 93).

Ainda neste âmbito das habilidades, entende-se que uma educação para a construção de pontes deve ser capaz de garantir que são identificados os benefícios e valorizadas as aprendizagens que se tiram desse diálogo, uma vez que as suas partes se transformam mutuamente.

Nesse sentido, mediar, gerir conflitos, dialogar, negociar, entre outras ações, exige um conjunto de conhecimentos e competências muito relevantes para que possam construir-se verdadeiras pontes. A educação para a paz aproxima-se, neste âmbito de competências, da intencionalidade e enquadramento teórico desta abordagem, na medida em que procura, de acordo com Conley (2004), fomentar uma cultura de não violência e de paz a partir de uma postura individual, e coletiva, de diálogo, mediação e gestão de conflitos. O conceito de reconciliação e compaixão não é, de acordo com o autor, muito destacado, ainda que, na abordagem aqui apresentada, se procure integrar enquanto dimensão pedagógica considerada.

Finalmente, no domínio dos valores e atitudes, e uma vez mais na aproximação que se entende relevante e enriquecedora do ponto de vista epistemológico da educação global e da descoberta de uma educação para a construção de pontes, encontram-se em comum alguns princípios básicos do processo de aprendizagem, seja a partir de uma ótica individual seja coletiva. Nesse sentido,

destacam-se a solidariedade, a participação e a responsabilidade social e a pertença comunitária proactiva.

Próximo da metodologia Ubuntu, o GEGWG (2010, p. 24) destaca também a autoconfiança e o respeito (próprio e pelos outros) como um dos valores mais relevante da educação global. O alinhamento com o pilar da autoconfiança do método Ubuntu reforça, uma vez mais, esta comunhão. Também a este propósito, e ainda a partir desta dimensão, Volmink crê que

“(…) o conceito africano do Ubuntu dará [um contributo genuíno] para uma nova ética global. Dadas as suas profundas dimensões relacionais, o Ubuntu atravessa todos os tipos de fronteiras, sejam elas políticas, económicas, culturais ou da sociedade civil. Consequentemente, o Ubuntu tem o potencial de influenciar todas as esferas da política pública, da cidadania, do desenvolvimento de pessoas e da governança. Podemos olhar para o Ubuntu como uma filosofia moral ou, na linguagem pós-moderna, como uma meta-narrativa” (2019, p. 47).

Esta abordagem é partilhada por outras teses que apresentam o conceito Ubuntu como uma teoria moral (*vide* Letseka, 2013). Versando-se na literatura temática, Letseka procura apresentar um entendimento do conceito Ubuntu como moralidade, humanidade, que, a partir de uma dimensão de pessoalidade, pode ser ensinada com o propósito de ter mais Ubuntu em cada pessoa. Também a este propósito, Volmink (2019) entende que, na tradução do conceito a partir da expressão “Eu só posso ser uma pessoa através de outras pessoas”, se reforça e valoriza a identificação com essa humanidade que Letseka também aborda, na medida em que essa condição acontece a partir de uma interação mais próxima, empática, compassiva e atenta entre as pessoas.

Retomando, pois, a ideia de uma educação para a construção de pontes, o Professor defende ainda que

“(…) num mundo dividido, a visão de mundo do Ubuntu tornou-se uma importante plataforma para construção de pontes, resolução de conflitos, inclusão, transformação, equidade e desenvolvimento pró-ativo da comunidade. Essa visão de mundo é praticada pela escuta atenta de outros pontos de vista, não sendo julgadora e dogmática” (Volmink, 2019, p. 48).

Ora, a partir novamente do fundamento da construção de pontes, ligado ao conceito da educação global, e assumindo a premissa de uma abordagem educativa neste âmbito, crê-se que esta pode ser, além de uma prática social, uma necessidade social. Além dos seus propósitos de sensibilização, esta perspectiva pode ainda ser compreendida enquanto instrumento para a formação de indivíduos capazes de entenderem e de se sentirem implicados não só nos problemas que encontram, seja local, seja globalmente, como também nas soluções e ações para esse fim (Boni, 2006).

A partir das dimensões deste conceito combinado, que se descobre e reforça num contexto de (pós)pandemia, importa ainda que se possam identificar, trabalhar e promover abordagens metodológicas que tragam ao universo educativo uma abordagem holística de compreensão e articulação com as realidades sociais, económicas, sanitárias e culturais, para garantir a existência de um verdadeiro diálogo democrático. Ora, para estabelecer a ligação entre a formalidade do currículo (sublinhando a dimensão escolar do universo educativo) e a realidade social vivida, sobretudo de forma a compreender a complexidade das situações e fenómenos vividos, ao nível local e global, reconhece-se que a educação se encontra hoje numa fase excecional, que pode desenvolver visões positivas de futuro, reinventar-se na interação estabelecida e no propósito que integra.

Crê-se, pois, nesta reflexão, que devem ser assumidas aprendizagens baseadas na cooperação, a partir de uma interdependência positiva entre os diversos atores que integram os modelos educativos e os seus vários contextos, e no questionamento e análise críticos, que abra espaço a processos de desenvolvimento ativos e participativos, orientados para a ação. Finalmente, a aprendizagem baseada no diálogo é potenciada por um contexto democrático e participativo, apoiante, estimulador e inspirador. Parte ainda de uma base inter/multidisciplinar e de uma abordagem multi-perspetiva que deve promover, de acordo com Boni (2006, pp. 49-50), cinco lógicas de conhecimento: 1. Perceção; 2. Reconhecimento; 3. Racionalização; 4. Explicação; 5. Compromisso.

A partir dessa lógica, reforça-se o papel que a educação deve assumir, na realidade contemporânea, a partir de uma crise sem precedentes: ajudar cada pessoa a reconhecer o seu papel e responsabilidade individuais e coletivos enquanto parte da comunidade global, de forma a garantir uma compreensão sobre a realidade, a procura de soluções para os fenómenos vividos, com respostas adaptadas

aos universos locais e globais, e a uma participação ativa que incite a um compromisso positivo de mudança.

É, pois, nesta lógica, que assenta o conceito pedagógico da educação para a construção de pontes que aqui se apresenta. A partir de uma combinação conceitual, metodológica e pedagógica e de uma visão transcurricular, multinível e multidisciplinar, esta é uma proposta nova, que resulta da reflexão coletiva de várias pessoas que têm vindo a pensar criticamente sobre o contributo que a metáfora da construção de pontes, enquanto fundamento e ferramenta, a partir do olhar Ubuntu, pode ter para responder aos desafios impostos ao universo educativo neste contexto de (pós)pandemia.

Este texto que agora aqui se apresenta resulta de um processo longo de trabalho e diálogo, alargado a outros tantos que, não assinando esta composição, são também parte desta reflexão no âmbito do grupo de trabalho da Construção de Pontes. Este foi subdividido em três subgrupos: i) Aprender a viver num mundo de “predicativos”: a arte de ligar áreas do conhecimentos, teoria e prática, passado e futuro, educação formal e não-formal, o online e o presencial; ii) Educar para a interdependência (aprender a compreender e a amar a diversidade e múltiplas pertencas) e iii) Diálogo, mediação de conflitos e justiça restaurativa na Escola e na comunidade.

A partir de processos de diálogo, partilha e coconstrução, emergem agora três peças basilares de reflexão. Os textos expostos abaixo partem de pontos de vista conceituais e metodológicos distintos e dão corpo a um trabalho de análise e reflexão sobre os desafios que se colocam no processo de construção de pontes no âmbito educativo.

A primeira peça, da autoria de Hélder Ferraz e Teresa Rocha, intitulada “*O Diálogo e a Participação – as vacinas para os conflitos*”, é desenvolvida a partir de uma ótica epistemológica sobre o diálogo e a participação enquanto peças-chave para uma educação que procura a construção de pontes, a partir do contexto escola e de duas situações reflexionadas – a primeira baseada no projeto da Associação de Estudantes e a segunda a partir do olhar do docente e da relação com os estudantes.

O segundo texto, da autoria de Janina Morgantini e Sabrina Severo da Silva, traz a justiça restaurativa ao âmbito educativo e apresenta-a como uma possibilidade estratégica e de desenvolvimento de competências para a educação para a paz.

Finalmente, a terceira peça, da autoria de Patrícia Anzini e Raquel Dias, sublinha a educação para a interdependência através das experiências e ferramentas metodológicas e pedagógicas da metodologia Ubuntu, em particular a partir de duas dinâmicas colocadas em prática no contexto da Academia de Líderes Ubuntu que trabalham o fundamento da construção de pontes: a ‘Biblioteca Humana’ e ‘Os Derdianos’.